

LONGE DA UTOPIA

Brasília

Brasília se distancia cada vez mais do plano original

ROSA LEAL

A ocupação desordenada das cidades-satélites, a implantação do Guará, o sistema de transporte, o excesso da arquitetura "moderna", o Setor de Diversões Sul, a destinação dada à orla do Lago são algumas das deformações no projeto original de Brasília, apontadas por arquitetos e urbanistas. Ao completar duas décadas de inaugurada, contando com uma população de quase um milhão de habitantes dos quais menos de 300 mil moram no Plano Piloto, Brasília está se distanciando cada vez mais da cidade imaginada por Lúcio Costa, um projeto que recebe entre outros, os adjetivos de "ousado", "inovador", "socializante" e "utópico". Tudo porque pretendia colocar lado a lado, eliminando a diferença de classes sociais, o operário e o senador.

O processo de deformação é tão generalizado que conta inclusive - ou principalmente - com o apoio de órgãos oficiais. O fato dos administradores de Brasília serem escolhidos bionicamente, de serem pessoas que não têm nenhuma afinidade com a cidade, faz com que esse processo seja acelerado. E isso traz à tona uma velha reivindicação da população de Brasília: o direito ao voto, o direito de escolher seus representantes diretos, de ter um lugar onde os problemas da cidade possam ser denunciados e discutidos.

ALTEROU O ESPÍRITO

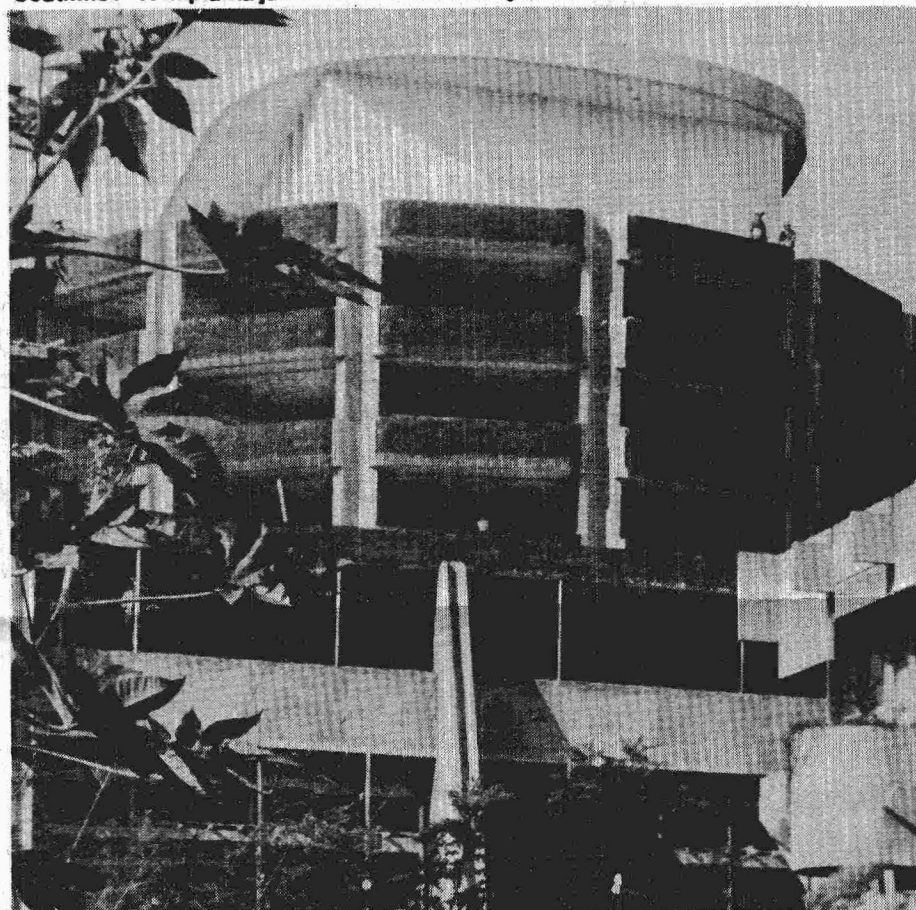
O arquiteto José Carlos Coutinho, professor da Universidade de Brasília, afirma que as maiores deturpações são as menos faladas ou menos visíveis. E diz ser o problema tão complexo que fica difícil apontar a infinidade de deformações. A principal delas, considerada por ele como tendo alterado completamente o espírito do Plano, é a ocupação das cidades-satélites. De acordo com o projeto de Lúcio Costa, as cidades-satélites seriam uma alternativa para um crescimento do Plano Piloto acima do previsto, seriam uma expansão do Plano apresentando as mesmas condições de vida. O que ocorreu no entanto, é que as cidades-satélites foram sendo implantadas independentes do Plano Piloto e o arquiteto ressalta o fato de que os administradores passaram a utilizá-las como depósito de mão-de-obra sem a preocupação de equipá-las ao Plano, produzindo a estratificação que se observa em Brasília. Uma outra questão é a de que Brasília é confundida com o Plano Piloto, embora essa visão seja rejeitada pela Universidade que vê as cidades-satélites, chamadas por Coutinho de "constelação de núcleos urbanos", como os bairros das cidades tradicionais.

A implantação do Guará é o que ele chama de "uma distorção consciente" por ter sido apoiada pelos órgãos oficiais. O projeto original preconizava que dentro do "cinturão sanitário" - a linha do relevo que forma a bacia alimentadora do Lago - não poderia haver construções. E apesar da desaprovção de todos os moradores da época, o administrador, numa demonstração de força, permitiu a implantação. Isso, segundo o arquiteto, é uma das razões da poluição do Lago hoje, principalmente porque além do Guará foi construído ao lado, o Guará II. No que diz respeito ao Lago, José Coutinho, faz severas críticas à destinação que lhe foi dada quando a área é considerada como uma das mais importantes para a população em termos de opção de lazer. Segundo ele, houve a predominância de interesses privados e quase toda a orla está sendo ocupada por particulares e instituições que constroem clubes, piscinas, cais, fechando o espaço aos moradores da cidade. Algumas pessoas chegam inclusive a ocupar a parte do Lago localizada em frente a sua casa. Originalmente, a faixa situada entre as residências e o Lago, deveria ser saneada e aproveitada de forma a permitir o lazer da população. Coutinho critica a criação do Parque Rogério Piton Farias na área em que se encontra, com a construção da piscina de ondas que hoje o governo não tem condições de manter. Segundo ele, o Parque deveria ter sido criado no Lago e implantado ali mesmo uma pequena praia. Outro problema com

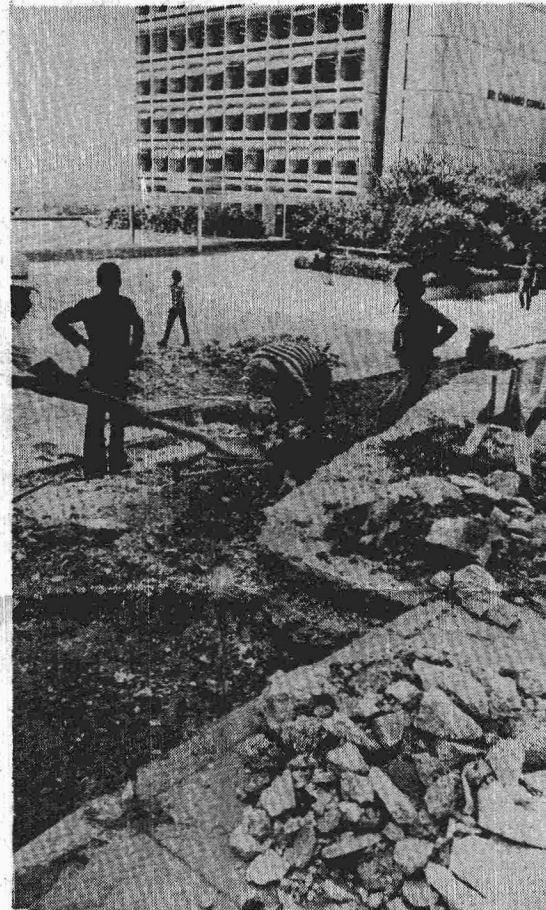
Memória CB



Coutinho: "A Implantação do Guará foi distorção consciente, pois nenhuma cidade deveria ser construída dentro do cinturão sanitário"



Na W-3 Norte vão brotando construções de gosto altamente duvidoso



Demuba-se árvores para construir estacionamento



Coutinho critica a implantação do Parque no local onde se encontra e diz que está cada vez mais difícil manter a Piscina de Ondas

relação a área é a construção de clubes, inclusive o do Banco Central, que provocou o desvio da rua. Atualmente o motorista ou o pedestre que segue pela rua esbarra no portão do clube e só entra se for sócio. Caso contrário precisa fazer o desvio que foi construído com dinheiro do povo, assim como a rua original, agora dentro do clube. O arquiteto diz que a situação tende a se tornar irreversível pela repetição do fato.

Outra distorção são as novas projeções que estão surgindo, também fora do Plano inicial. Cita o caso do mastro da Praça dos Três Poderes classificado por ele como "um mastodonte" e enfatiza uma situação recente: na 412 Sul, a Terracap autorizou a construção de um bloco numa quadra já terminada. Os moradores revoltaram-se com o fato e estão entrando com uma ação judicial contra o Governo. O secretário de Viação e Obras informado do fato disse não ter conhecimento do problema e nem sabia que o bloco estava sendo feito. Coutinho diz que o responsável por tudo isso é a Terracap que idealiza e vende os

lotes e o Governo, por ação ou omissão.

MAIS COLETIVOS

A crítica comum em todos os arquitetos, diz respeito ao sistema de transportes de Brasília, considerado por eles como inexistente. A situação é ainda pior se levado em consideração o fato da distância existente entre um ponto e outro. O arquiteto Paulo Melo Zimbres, do Departamento de Urbanismo da UnB, diz que a média de quilômetros percorridos diariamente pelos brasilienses é maior que a de qualquer cidade de outro Estado, mesmo Rio ou São Paulo. Ele enfatiza que até hoje o pedestre tem sido omitido, tem sido tratado um pouco mal no detalhamento do Plano. E acrescenta que o problema de engarrafamento no Setor Comercial Sul se dá exatamente porque não existe um sistema de transporte coletivo que ofereça conforto, uma boa cobertura da cidade, horários regulares. Ele se posiciona contra o fato de se ter que derrubar uma árvore para deixar o espaço livre ao carro quando a solução é outra.

No aspecto arquitetônico, Zimbres considera que justamente por seu aspecto inovador, é natural que diversas tendências apareçam. E essa diversidade pode trazer distorções, afirma ele, "o moderno é um risco que se corre". Nesse ponto as críticas feitas pela população quanto ao aspecto que certos prédios apresentam, são válidas e muito importantes. Parodiando a velha frase, o arquiteto diz "cada povo tem a arquitetura que merece", fruto de seus profissionais, de suas invenções culturais. Esse espírito criativo pode trazer acréscimos positivos e ele exemplifica com o jardim construído em volta do prédio da Câmara Córrea, uma lembrança ao pedestre que tem sido deixado de lado. O professor José Galbinski, chefe do Departamento de Urbanismo da UnB, lembra que o plano de Lúcio Costa não pretendia chocar as populações. Dessa maneira a maior inovação na cidade estaria nas superquadras e na setorização. Para contrabalançar esses elementos, Lúcio Costa imaginou o Setor de Diversões Sul com pequenas ruas, vielas, que lembras-

sem as características das cidades tradicionais, harmonizando o velho e o novo. E é baseado nisso que ele faz a sua crítica aos Venâncios, considerando de "uma infelicidade, uma caricatura do pensamento de Lúcio Costa, uma degradação da cidade". E acrescenta que isso motivou a implantação de projetos desconexos, sem nenhuma relação uns com os outros, de baixo nível arquitetônico. Os Venâncios, afirma ele, chegam a ser um lugar que apresenta problemas de insegurança para os transeuntes. Um outro aspecto abordado por ele, é a tendência ao excesso que existe na arquitetura de Brasília. E cita o caso da W3-Norte, um mostruário dos mais variados elementos arquitetônicos nem sempre coerentes. Isso ocorre principalmente nessa área, diz o professor Galbinski, em virtude de no restante da cidade as normas serem mais rígidas. Os arquitetos novos ao se depararem com uma relativa liberdade para criar terminam por incorrer em excessos que não chegam, entretanto, a ser um fator primordial nas deformações do projeto de Brasília.